

A Aprendizagem da Escrita no Ensino do Português como Língua Estrangeira

Vânia Sofia Morais Ramos

Relatório

**De Estágio em Português como Língua Segunda e
Estrangeira**

Março, 2022

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos
necessários à obtenção do grau de Mestre em Português como Língua
Segunda e Estrangeira realizado sob a orientação científica da Professora
Doutora Ana Maria Mão de Ferro Martinho Carver Gale

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais, Luís Ramos e Luísa Ramos, e aos meus avós, Joaquim Troncão e Emília Morais, por serem os meus pilares, e por acreditarem no meu valor. A vocês, devo tudo o que sou hoje.

Agradeço também à minha avó e estrela da sorte, Hermínia Bonito. Sei que não tivemos muito tempo juntas, mas onde quer que estejas, espero que te orgulhes de mim.

Em segundo lugar, agradeço à minha orientadora de estágio, Fernanda Ferreira. Por todos os conselhos e orientação, por todo o carinho e paciência, mas sobretudo por fazer de mim a professora que sou hoje. Em si, encontrei uma amiga.

Em terceiro lugar, agradeço à professora doutora Ana Maria Martinho. Desde o início da licenciatura, até ao fim do mestrado, sempre foi uma figura presente, e tornou-se num apoio muito importante para mim, ao longo de todo o meu percurso académico.

Em quarto lugar, agradeço aos meus alunos, pela confiança que depositaram em mim, e por marcarem o meu caminho com as vossas formas de ser. Com vocês, aprendi e continuo a aprender muito. Às minhas colegas de trabalho na Português Et Cetera também devo um grande obrigado. Facilitaram a minha integração na equipa e forneceram-me conselhos preciosos.

Em quinto lugar, mas não com menos relevância, agradeço a todos os meus amigos mais próximos, com quem eu desabafei e expliquei as minhas aventuras ao longo deste caminho. Não vou nomear ninguém, mas guardo-vos a todos no meu coração.

Relatório de Estágio Sobre Aprendizagem da Escrita no Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira em Colaboração com a Instituição *Português EtCetera*

RESUMO

O presente relatório pertence à área de português como língua segunda e estrangeira e tem o principal propósito de expor a minha experiência de estágio numa instituição de ensino de português para estrangeiros, localizada em Lisboa, durante 4 meses. A estrutura deste relatório está repartida por capítulos que se focam no início e no fim do referido processo. O objetivo do meu trabalho é o estudo sobre a aprendizagem da escrita, que eu considero uma ferramenta particularmente essencial para a nossa sociedade. Isto porque a expressão escrita está por toda a parte, e devemos compreender os sinais que nos são transmitidos. Assim, irei partilhar a forma como este processo acontece no ensino do português como língua estrangeira, tendo em consideração a minha própria experiência.

PALAVRAS-CHAVE: português; ensino; escrita; língua estrangeira; aprendizagem

**Internship Report About The Writing Process on Teaching
Portuguese as a Foreign Language In Collaboration With
Português Et Cetera Institution**

ABSTRACT

The following report concerns Portuguese as a foreign and second language, and has the main purpose of presenting my internship experience in an institute for teaching Portuguese to foreign students, located in Lisbon, during four months. The structure of this report is divided in chapters that focus in the beginning and the end of the process. The goal of my work is to study the learning process in writing, which I consider an essential tool in our society. The writing expression is everywhere, and we must understand the signs that are transmitted to us through it. Therefore, I will share how this takes place when teaching a foreign language, taking into consideration my own experience.

KEYWORDS: Portuguese; teaching; writing; foreign language; learning

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| Introdução..... | 7 |
| Capítulo I: Enquadramento e contextualização - Caracterização da instituição pedagógica Português Et Cetera | 10 |
| I. I. Orientação pedagógica inicial | 12 |
| I. II. Observação das aulas | 15 |
| I. III. Experiência de ensino | 17 |
| Capítulo II: A escrita no ensino do PLE: A aprendizagem da escrita | 21 |
| Capítulo III: A escolha dos materiais didáticos | 26 |
| Capítulo IV: Resultados e discussão | 28 |
| Conclusão | 33 |
| Bibliografia | 34 |
| Anexos | 36 |

Introdução

Nos dias de hoje, a aprendizagem das línguas revela-se uma aptidão extremamente importante na nossa sociedade, constituindo uma vantagem não só em termos de conhecimento, como também em termos profissionais, sociais e de integração.

Assim, o ensino dos idiomas assume um papel cada vez mais relevante, o que resulta na procura de cursos para fomentar a aprendizagem dos mesmos. Falando mais concretamente no ensino do português para falantes de outras línguas, este fenómeno tem crescido a olhos vistos e conseqüentemente tem-se tornado também numa grande fonte de estudo e pesquisa. É por essa mesma razão que escolhi esta área, não só porque acho fascinante o processo de aprendizagem de uma língua como também admiro a capacidade que temos em reproduzir a mesma, tanto no discurso falado como escrito.

É precisamente sobre o discurso escrito que a minha investigação vai recair, pois consiste numa competência que falantes de outras línguas têm mais dificuldades em adquirir. Implica um grande domínio das estruturas morfossintáticas, exige mais prática e impõe uma particular utilização de processos cognitivos. Ainda assim, o desenvolvimento desta competência é extremamente importante, uma vez que constitui uma forma de expressão diferente da oral e nos dias de hoje é essencial que se apresente uma boa expressão escrita. Podemos observar que os meios académicos, sociais e laborais, por exemplo, apreciam imenso o bom domínio da escrita, especialmente se for em outros idiomas. Para que esta faceta seja constantemente melhorada, o estudante tem de adquirir muito vocabulário, regras gramaticais, mas também querer ler e ter curiosidade em descodificar as variadas mensagens que estão à sua frente. Muito embora a comunicação oral seja o principal foco da aprendizagem de uma língua estrangeira, adquirimo-la de uma forma mais automática que a própria escrita, não só por ser a base da interação humana, como também porque se adquire de uma forma mais livre e espontânea.

Se observarmos as evoluções do ser humano ao longo da história, houve sempre uma necessidade de registar, ou perpetuar, para além do tempo e espaço, acontecimentos

do cotidiano, histórias, lendas, e até mesmo sentimentos (como felicidade ou angústia). De acordo com Cassany “Muchos elementos esenciales de nuestra civilización actual tienen origen en la escritura: el método empírico y lógico de la ciencia (...); las formulaciones lógicas, matemáticas o químicas (...); la historia (...) el derecho (...)”¹. Desta forma, a escrita sempre foi um fator que acompanhou a evolução do homem e o seu progresso intelectual, para registrar as suas próprias ideias. Na comunicação escrita, quem escreve (o emissor) usa esse mesmo código, seguindo as regras morfosintáticas e de coesão textual para comunicar com quem lê (o recetor), mas de acordo com o estilo pessoal de cada um.

Para mim, a aprendizagem da escrita é de suma importância, pois trata-se de um registro mais permanente que o oral, mas cada vez mais posso observar como cidadã, leitora, e professora, que existem hábitos corrosivos relativos à mesma. Isto porque a sociedade dá prioridade ao discurso rápido, curto e imediato, e subestima o bom domínio da escrita. Por essa razão, são cometidos erros frequentes e origina-se uma falta de consciencialização para fomentar a sua melhoria. Durante a minha experiência como estagiária, notei inúmeras vezes que os alunos davam claramente mais importância à comunicação oral e, antes mesmo de iniciarem os cursos, faziam essa ressalva nas exigências. Não menosprezando a importância do discurso oral, pois é um mecanismo fundamental no cotidiano, é vital que os alunos compreendam que não comunicam apenas através da fala, mas também da escrita, que lhes permite o desempenho de tarefas mais diferenciadas na nossa sociedade.

Em face dessa situação, presenciei momentos onde os alunos falavam bastante bem, mas apresentavam uma grande lacuna em termos escritos, o que causava discrepância entre ambas as aptidões. Por isso, fiz questão de ser mais exigente nessa área, reforçando a prática de exercícios. Como consequência, tive reações positivas e negativas, uma vez que muitos estudantes não gostavam de praticar a parte escrita, e outros prezavam imenso a melhoria da mesma. Contudo, o ensino de uma língua estrangeira envolve a complementaridade de várias áreas, e todos os profissionais

¹ Cassany, D. (1990), Enfoques didácticos para la enseñanza de la expresión escrita, in Comunicación, lenguaje y educación. Madrid, Pág 13.

devem estar cientes disso. As competências mentais dos alunos devem ser reforçadas nesse sentido, para que apresentem um equilíbrio nas diferentes formas de expressão.

I - Enquadramento e Contextualização - Caracterização da Instituição Pedagógica Português EtCetera

A escola *Português Et Cetera* foi fundada no ano de 2005 pela diretora pedagógica Fernanda Ferreira, com o objetivo de fornecer cursos de português a estrangeiros, e de possibilitar também uma profunda imersão na cultura portuguesa aos alunos que decidem fazer parte da escola.

Para além da componente letiva, oferecem alojamento em casa de pessoas portuguesas, para que o contacto com a língua falada seja maior, e oferecem eventos e passeios históricos para proporcionarem uma experiência cultural mais forte. Este instituto situa-se no centro histórico de Lisboa, mais concretamente na Baixa Chiado.

Os alunos têm à sua escolha várias modalidades de ensino, mediante as exigências que apresentem. Existem cursos variados, nomeadamente os extensivos, intensivos e privados. Começando pelo extensivo, este tem a duração de uma hora e meia, e ocorre duas vezes por semana. A turma pode apresentar cerca de três a oito alunos, e a aprendizagem ocorre a um ritmo mais gradual.

Já o intensivo, como o próprio nome indica, é constituído por três horas académicas, todos os dias, durante duas semanas, e tem igualmente um grupo de três a oito alunos. Pode ser extensível, e permite uma aprendizagem e fluência mais rápida como consequência do tempo de ensino.

Por último, o curso privado foi criado para que os alunos conseguissem aprender português de uma forma totalmente personalizada, e adequa-se às exigências específicas dos próprios. Assim, podem escolher o horário mais conveniente e a carga horária que pretenderem.

Com o propósito de promover a oralidade e o dinamismo, existem workshops de comunicação e clubes de conversação. Tanto uns quanto outros incluem duas aulas práticas por semana, cada uma com uma hora.

O principal objetivo de ambos é praticar a conversação oral. O primeiro destina-se aos alunos iniciantes ou de nível intermédio, cujos temas permitem o desenvolvimento do discurso. O segundo direciona-se a alunos de nível mais avançado, onde os temas são

também mais complexos e, por sua vez, a expressão oral tem também de ser mais avançada.

Os alunos dos três cursos referidos anteriormente podem comparecer, pois assim é mais uma forma de treinarem a comunicação, discutirem variados temas entre si e conhecerem pessoas de outras culturas.

As aulas constituem uma parte de extrema importância na aprendizagem da língua. Para complementar esta área desenvolvem-se atividades culturais, que consistem em passeios históricos, noites com temáticas variadas e atividades lúdicas por todo o centro histórico de Lisboa.

Estes eventos têm também como objetivo integrar os alunos na cultura portuguesa e na comunidade da escola, proporcionando momentos de lazer e convívio enquanto socializam e comunicam. Para o efeito, uma das professoras é a guia turística especializada em história, responsável por conduzir os participantes pelos mais variados locais, enquanto fornece informações e curiosidades sobre os mesmos.

I.I – Orientação pedagógica inicial

O estágio encontrou-se dividido em três partes. A primeira consistiu na ocorrência de seminários com a orientadora de estágio, com o objetivo de receber a devida orientação pedagógica antes de iniciar a minha experiência como professora.

Assim, a diretora da escola, Fernanda Ferreira, que possui já muitos anos de ensino e começou por essa mesma atividade, apresentou-me o método de ensino indicado, nomeadamente o comunicativo, e moldou-me a ele de acordo com as diretrizes estabelecidas.

No que diz respeito ao método de ensino, o objetivo principal do mesmo é fomentar a comunicação e, para isso, o professor deve ser o provocador do discurso. Assim, a componente verbal assume um papel de extrema importância, pois é através dela que devemos comunicar. Para fomentar essa componente, o docente deve utilizar métodos variados, como, por exemplo, as atividades de audição, pois os alunos são falantes novos que não sabem absolutamente nada da língua (na sua maioria), e necessitam de variados estímulos para interagirem e expressarem-se.

O objetivo do ensino do português como língua estrangeira é ensinar os termos essenciais para suprir necessidades eventuais. Por isso, a dinâmica da aula deve ser muito variada, de modo a que possamos criar situações fictícias com áreas temáticas diferentes para explorar de forma próxima do real um determinado contexto. Através destas atividades, estamos a preparar o aluno para lidar com variadas situações do dia-a-dia através do uso da língua portuguesa. Temas que possam causar algum tipo de perturbação ou incómodo, como mortes ou doenças, devem ser totalmente evitados, pois a aula é um momento de aprendizagem que se deve focar na progressão dos alunos.

A produção escrita, a leitura e o estudo das estruturas gramaticais são também importantes para complementar as atividades de oralidade a realizar. Na rotina dos alunos é fulcral saberem falar, mas saber escrever ou ler revela-se também uma arma bastante importante, especialmente no mundo informático e na transmissão de informações (Ex: mensagens, emails, redes sociais, notícias, etc.). Desta forma, os

estudantes estarão aptos a compreender as diferentes formas de comunicação que podem surgir e conseguem emitir uma resposta perante ela.

Assim, o professor deve preparar atividades diversificadas que levem o aluno a expressar-se oralmente, mas também a escrever. Uma vez que o discurso escrito, ao contrário do discurso oral, pode ser revisto, reformulado e melhorado, o docente deve planificar atividades que permitam o aperfeiçoamento da escrita. Como o aluno só consegue adquirir a estrutura gramatical quando a introduz no seu discurso, é importante que as atividades de escrita integrem as estruturas gramaticais à medida que estas vão sendo lecionadas. Por outro lado, a leitura de textos permitirá o treino da pronúncia e o alargamento do vocabulário.

A forma como o professor se expressa é de suma importância, pois a sua boa dicção facilita a compreensão dos alunos e conseqüentemente impulsiona-os a imitar os sons e a pronunciar as palavras. Não deve ter uma linguagem demasiado complexa, mas deve ter a terminologia adequada.

O professor deve igualmente apresentar uma boa capacidade de improviso e ser capaz de moldar-se às possíveis mudanças que surjam em aula, como também responder a perguntas inesperadas. Ao ter total controlo da aula, não pode permitir que o aluno assuma a condução da mesma.

Deve ser dotado de sensibilidade e perceber os interesses dos estudantes, bem como o que os leva a estudar a língua portuguesa. O propósito de conhecer o público-alvo ocorre através da interação que temos com ele. Assim, o discurso do docente deve ser personalizado e ir de encontro aos gostos e desejos de cada um. Neste contexto, a leitura facial é uma ferramenta bastante útil, pois muitas vezes os alunos não acusam quaisquer dificuldades, mas deixam-nas transparecer através das expressões do rosto.

Enquanto provocador e facilitador do discurso, o professor deve compreender que o aluno apresenta, por vezes, um certo medo de cometer erros. Contudo, os erros são uma parte muito importante da aprendizagem, pois é através das correções que se aprende a falar.

Neste sentido, devemos revelar alguma compreensão, procurando perceber quais as intenções subjacentes ao comportamento do nosso público-alvo, para lhe podermos

ministrar o apoio necessário. Se têm uma atitude mais assertiva e são exigentes, se claramente querem desestabilizar a aula, ou até se precisam de uma atenção e foco extra sobre eles.

A gestão do tempo de aula deve ser feita tendo em conta a planificação que o docente prepara, mas também devemos aproveitar as conversas espontâneas que os alunos tragam para a aula, e não os reprimir.

A dinâmica de grupo é um fator a fomentar, pois imensas vezes surgem atritos e rivalidades associados às diferentes culturas. Cada aluno possui um *background* característico personalizado, que deve ser respeitado. Nem sempre é possível, mas a criação de um grupo nivelado é fundamental: o professor deve tentar agradar a todos, pois as diferentes nacionalidades devem ter um ponto de equilíbrio para uma melhor cooperação.

Sendo um instituto de ensino do português para estrangeiros, a divulgação da cultura portuguesa é uma área que não pode ser dissociada do ensino-aprendizagem. Sempre que possível, devemos apresentar um pouco da nossa cultura em aula. A imersão linguística revela-se extremamente importante, pois os indivíduos estão num novo país e em permanente contacto com a língua, logo devem conhecer tudo o que lhe diga respeito.

No entanto, os alunos apresentam vários estereótipos em relação ao povo português, e estes têm de ser detetados e desmistificados pelo professor.

A rigidez, o rigor e a pontualidade são atitudes que o docente deve apresentar, assim como o perfeccionismo em planear as aulas e a ambição de alcançar os objetivos traçados. O cumprimento destes requisitos facilitará a aprendizagem dos alunos, e conseqüentemente o trabalho do professor.

I.II – Observação das aulas

Depois de terminada a fase dos seminários com a orientadora de estágio, passei à segunda parte da componente não letiva, nomeadamente a observação das aulas dos diferentes docentes da instituição.

O primeiro curso que tive oportunidade de observar foram as aulas intensivas privadas dadas pela professora SV durante uma semana. A aluna em questão tinha dupla nacionalidade (paquistanesa e inglesa), tinha 35 anos, e desistiu do seu emprego como contabilista para viajar por Portugal. A professora era bastante ativa e rejeitava completamente a utilização do inglês nas aulas, substituindo-o por uma linguagem bastante teatral, com sons e gestos, para que a aluna pudesse compreender os ensinamentos que lhe estavam a ser transmitidos.

O método de ensino caracterizava-se por ser o comunicativo, havendo um diálogo permanente em aula. Por isso, a Prof. SV esquematizava no quadro de forma simples e direta o que queria dizer, pois a forma como dava a matéria não se submetia a um segmento, mas sim consoante o diálogo e as dúvidas que surgissem.

De seguida, pude observar também algumas lições do curso extensivo da noite dadas pela professora AV. Contrariamente às aulas intensivas privadas, este curso era maior (cerca de 6 alunos), com nacionalidades diferentes, e ocorria duas vezes por semana. A professora era também bastante ativa e calma, falando com clareza. A sua linguagem era muito teatral e o vocabulário mantinha estreita articulação com os temas abordados.

Numa das suas aulas, foi feita uma referência bastante óbvia à cultura portuguesa, nomeadamente o dia de São Martinho. Desta forma, procederam à leitura da lenda (que é um tipo de texto recorrente nos níveis iniciais, facilmente vinculado às tradições), e foram também mencionadas informações relativas aos produtos gastronómicos associados ao magusto. De seguida, a comunicação foi fomentada através dos telemóveis, pois os alunos serviram-se dos mesmos para falar e mostrar imagens de celebrações tradicionais nas próprias culturas de cada um.

Observei também as aulas da professora JG. A sua turma era, à semelhança da turma da professora anterior, um extensivo, mas com apenas quatro alunos, e o horário era o da manhã. O registo oral da professora caracterizava-se por ser bastante informal, mas muito claro nas explicações que fornecia. A sua aula deu mais ênfase aos conteúdos gramaticais e ao diálogo, mas no fim fizeram exercícios de vocabulário sobre as divisões da casa e os respetivos objetos que faziam parte dela.

Por último, e para finalizar os três tipos de aulas que precisava de observar, pude assistir a uma aula privada da professora SP, com três hispano-falantes (do Uruguai e da Argentina, respetivamente). O perfil da professora SP aproxima-se também do das outras professoras, pois é igualmente calma, comunicativa e expressa-se de uma forma bastante clara.

Como anteriormente referi, a cultura e a língua estão fortemente vinculadas e nesta aula não foi exceção. Assim, o assunto de abertura foram as touradas, onde tinham de escutar um áudio e acompanhar o texto por escrito. As alunas tiveram oportunidade de se expressar relativamente a esta tradição e deixaram transparecer o seu claro desagrado relativamente à mesma. Falaram também de como se processam as touradas nos respetivos países de origem. Seguidamente fizeram exercícios relacionados com os tempos verbais, sempre em permanente diálogo com a professora.

Visto que os workshops e os clubes de conversação ocupam um lugar de relevância no ensino da escola, também tive oportunidade de assistir a alguns. O foco desta atividade é sem dúvida a comunicação, e para o efeito foi escolhido um tema. A professora SV soube contornar as dificuldades dos grupos, pois eram iniciantes e ainda não se expressavam muito bem. Nesse sentido, como precisavam de estruturas gramaticais para poderem falar, o principal assunto foi o diálogo sobre vocabulário variado.

Uma outra experiência que tive, mas com um grupo mais avançado, foi com a diretora da escola. Neste caso, ela foi a principal responsável pela gestão do clube, e falámos de um tema mais complexo. Os alunos já possuíam um domínio da língua portuguesa relativamente avançado, e expressavam-se com alguma facilidade.

I.III – Experiência de ensino

Depois de observar as aulas das professoras pertencentes à instituição, iniciei a terceira parte do estágio. Assim, foram-me atribuídos dois extensivos, um para o horário da manhã (9:00/10:30), e outro para o horário da tarde (19:00/20:30).

Após fazer uma comparação entre os dois cursos, senti que a turma da tarde foi a mais desafiante. Era muito diversificada, e os países de origem dos alunos variavam entre Polónia, Japão, Alemanha, França, Austrália e Dubai. Não tinham qualquer conhecimento da língua portuguesa, ou seja, eram iniciantes, à exceção do aluno francês que já tinha algumas bases e conhecimentos em variadas línguas. Relativamente ao perfil de cada um, quase todos escolheram o curso da noite pois trabalhavam durante o dia, o que condicionava a disponibilidade horária.

O processo de aprendizagem nunca é igual para todos e depende do indivíduo. Esta ideia é muito importante, uma vez que uma das funções do professor, como anteriormente referi, é criar um equilíbrio entre os diferentes idiomas e, acima de tudo, corresponder às expectativas de todos. Na turma da noite foi complicado, para mim, encontrar o equilíbrio, pois o aluno japonês tinha imensas dificuldades na pronúncia das palavras, e demonstrava pouco à vontade em expressar-se, influenciado também pela sua própria cultura. Passado algum tempo, decidi fazer uma pausa das aulas.

Também tive essa sensação com o aluno do Dubai, uma vez que demonstrou igualmente dificuldades em aprender e não expressava as dúvidas que tinha. Em algumas atividades, pude verificar que revelava muitas dificuldades na escrita, escrevendo com imensos erros, especialmente nas conjugações verbais e no uso dos pronomes pessoais. Quando lhe explicava onde podia melhorar e onde residia o seu erro, muito raramente conseguia compreender e não alterava o que escrevera, mostrando desinteresse em aperfeiçoar o seu discurso. Passado pouco tempo, também deixou de comparecer às aulas, informando-me que estaria fora do país.

Por fim, em relação às alunas da Alemanha, da Polónia e da Austrália, posso afirmar que apresentavam mais facilidade em compreender a matéria que foi lecionada e captavam bastante bem a essência dos exercícios que escolhia para o grupo. Ajudavam a dinamizar

o grupo, pois tentavam ajudar os outros colegas quando estes não percebiam algum ponto específico.

A turma da manhã era mais homogênea e apresentava uma dinâmica diferente. As nacionalidades também divergiam, pois os alunos eram oriundos da Alemanha, Ucrânia, Estados Unidos e Indonésia. Contudo, foi mais fácil para mim adequar o ensino às necessidades de todos, dado que quase todos apresentavam uma compreensão da língua portuguesa um pouco mais abrangente (à exceção da jovem da Indonésia).

Relativamente ao perfil de cada um, havia dois estudantes, um reformado e uma cuidadora de crianças. Por terem mais disponibilidade em termos de carga horária, era mais fácil para eles conseguirem comparecer às aulas da manhã. Para além disso, já possuíam alguns conhecimentos relativos à língua, o que facilitava o relacionamento e a proximidade entre todos. Para a jovem da Indonésia, era bastante complicado fazer a pronúncia correta dos sons, mas a nível de escrita respondia bastante bem aos exercícios que eu lhe atribuía. Por sua vez, o aluno da Alemanha e a aluna da Ucrânia exigiam mais rigidez, tanto na explicação dos conteúdos como na estruturação das aulas, derivada à forma como foram educados.

Por último, o aluno dos Estados Unidos, já com 70 anos, não se deixava intimidar por ser o mais velho da turma, e possuía uma ligação mais próxima com a língua portuguesa, pois a sua mulher nasceu em Portugal e com ela tentava falar português.

Em termos de dinâmica, havia uma notória ajuda mútua entre todos, pois à semelhança do que aconteceu no grupo da noite, ajudavam-se bastante entre si para colmatarem as dificuldades existentes.

Após iniciar a minha experiência nos cursos extensivos, foi-me atribuído um aluno para começar as aulas privadas. Na altura em que estava a receber a formação necessária para iniciar o meu percurso no ensino, uma das informações relativas aos cursos privados foi a conexão necessária com o aluno para que a aula fluísse de forma natural e para que as expectativas fossem correspondidas.

E de facto tive bastante sorte no meu primeiro curso privado, pois foi muito motivador. O aluno tinha como língua nativa o inglês, mas apresentava ascendência indiana. Tinha

45 anos, e estava de passagem por Portugal. Esta situação, e o facto de já ter estudado espanhol, impulsionaram-no a experimentar as aulas privadas.

Conseguia entender todas as informações que lhe eram passadas e facilmente fazia associações com a língua que estudara anteriormente. Era um aluno bastante interessado, que aceitava qualquer desafio, e por isso mesmo foi fácil trabalhar com ele. Selecionei vários exercícios que o levavam a escrever, desde as conjugações verbais até ao registo de vocabulário variado. Notei que o aluno dava bastante ênfase também à fonética. Enquanto comunicava devagar e calmamente com ele, compreendi diversas vezes que me pedia para repetir uma palavra ou um som, para seguidamente ser ele a repetir o meu discurso.

Depois de já ter dado algumas aulas a dois cursos extensivos e também a um aluno privado, foi-me atribuído um curso intensivo. Para primeira experiência, foi novamente complicado para mim, devido às diferentes nacionalidades e *backgrounds* linguísticos envolvidos.

Os alunos provinham da Alemanha (um deles tinha ascendência angolana, e compreendia já algumas coisas de português por razões parentais), Hungria, Estados Unidos (a aluna deste país tinha ascendência indiana) e Austrália. Foi uma turma particularmente desafiante, pois muitos deles recusavam-se a falar ou a expressar o que já sabiam em Português. As principais dificuldades que apresentaram foram compreensão da diferença entre os verbos no Pretérito Perfeito Simples e no Pretérito Imperfeito do Indicativo, bem como a devida colocação das preposições.

Exigiram também que uma parte da aula fosse dedicada à leitura de textos, de forma a treinarem a pronúncia. Este não é o método de ensino da escola, que se foca na aquisição da linguagem através do diálogo, incluindo a prática de estruturas gramaticais, tanto escritas como orais. Ainda assim, tive de ceder ao pedido deles, pois revelaram-se bastante intransigentes no que queriam.

Sendo eu a professora responsável pelo curso, tornei-me igualmente responsável pelos workshops de comunicação desta turma. Com base nos diferentes exercícios feitos nas aulas, e também na aquisição de vocabulário, escolhia um tema específico para que todos tivessem oportunidade de pôr em prática o que aprenderam.

Uma das atividades que criei foi a simulação de situações reais para que os alunos comunicassem. Selecionei diferentes cenários que fomentavam o discurso. Foi uma das atividades que me deu mais prazer, pois a minha escolha recaiu em temas que eram do interesse de cada aluno em concreto, dado que já os conhecia e tinha uma ligação com todos. Relativamente à utilização da conjugação verbal, também pedi que construíssem um texto, utilizando a matéria dada em aula, com os tempos verbais e o vocabulário que já sabiam. O resultado desta atividade foi bastante divertido, pois os alunos utilizaram a sua imaginação para criarem uma história, tendo como pontos de referência vários locais emblemáticos de Lisboa. Embora apresentassem erros, conseguiam já integrar no discurso escrito vocábulos e estruturas anteriormente lecionadas, e por vezes pediam-me vocabulário específico para descreverem uma situação.

Antes de terminar a minha fase como estagiária, recebi novamente mais uma aluna para aulas privadas. Esta aluna tinha exigências muito particulares, que de imediato fez questão de transmitir à direção da escola, quando se estava a inscrever.

As suas exigências consistiam na utilização do método Calla no decorrer das aulas, pois para ela era a forma mais eficaz de aprender. Os exercícios que eventualmente poderíamos fazer seriam resolvidos de forma oral, e teria de haver muita conversação enquanto aprendia. Desde logo lhe foi transmitido que na Português Et Cetera privilegamos o método comunicativo e que isso não seria um problema.

Após todas as burocracias serem esclarecidas, iniciámos as aulas e novamente tive muita sorte, pois de imediato estabelecemos uma conexão, necessária para que a aluna se sentisse feliz e realizada nas sessões. Era bastante fácil comunicar com ela, pois no seu trabalho já tinha aprendido algumas coisas em Português, e como era italiana foi fácil fazer associações com o idioma que estava a aprender. A duração das nossas aulas era sempre de duas horas, e a comunicação era uma componente que não faltava. A aluna sentia-se à vontade para expor as suas dúvidas e comunicar, facilitando dessa forma a fluidez das aulas.

II – A escrita no ensino do PLE: A aprendizagem da escrita

De acordo com Dulce Rebelo, “a escrita é a capacidade do indivíduo em comunicar pensamentos ou sentimentos com o auxílio de signos visíveis e compreensíveis pelos outros e, para se chegar a tal ponto, longo caminho deverá ser percorrido.”² Esta afirmação é de suma importância para compreender o longo percurso que é a aprendizagem escrita. Trata-se de um processo muito mais ativo do que ler e falar, e exige um esforço superior, sobre o qual se despende mais atenção, tempo e memória. Relativamente ao português como língua estrangeira, podemos considerar que os alunos iniciantes são um bom exemplo de como aprender, passo a passo, a elaborar frases simples, até conseguirem escrever um texto estruturado.

Autores como Daniel Cassany ou Juan F. Jimeno concordam que o ato escrito é difícil, e mais ainda quando a experiência de quem escreve é reduzida, como foi o caso dos alunos iniciantes que tive, tanto no grupo da noite, como no grupo da manhã, pois estavam apenas a dar os primeiros passos na aquisição de uma nova língua. Existe todo um conjunto de fatores a valorizar durante o processo escrito, e para que algo de qualidade seja criado há que ter em conta, segundo Jimeno: “Exigencias de muy variada índole: reglas ortográficas, gramaticales y léxicas, debe puntuar, construir frases y párrafos, utilizar los conectores precisos, mantener el referente, evitar que el texto no sea pesado, controlar la información nueva...”³.

Contudo, as capacidades que Jimeno enumerou serão adquiridas ao longo do tempo, pois os alunos iniciantes não apresentam conhecimentos suficientes relativos à língua ensinada, e o raciocínio escrito de cada um deve desenvolver-se com o tempo e a prática. Para começar a desenvolver esta competência, lecionam-se as formas de apresentação (nome, idade, nacionalidade, local de residência e profissão), bem como

²Rebelo, D. (1990). Estudo Psicolinguístico da Aprendizagem da Leitura e da Escrita. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Pág. 91.

³Jimeno, P. (2004) La Enseñanza de la Expresión Escrita en todas las áreas – Blitz, serie roja, nº1, Gobierno de Navarra, Departamento de Educación. Pág. 14.

as formas de saudação, agradecimento ou despedida. Assim, os alunos começam por ter a capacidade de identificar-se e integrar-se, usando estruturas frásicas simples.

Ao avançarmos no currículo, falamos então do Presente do Indicativo (nomeadamente a diferença entre o verbo Ser – permanente - e Estar – temporário), bem como os artigos definidos e indefinidos, para haver uma descodificação do género feminino e masculino, bem como do número singular ou plural.

Muitos são os estudantes que confundem a devida utilização do verbo Ser e Estar, alegando que nem sempre faz sentido a respetiva diferença. Também nos artigos definidos e indefinidos por vezes existem algumas dúvidas, pois não se identifica, de imediato, qual o género e o número da palavra. Durante a minha experiência como estagiária, dois dos erros mais comuns que pude observar foi a utilização indevida destes verbos, assim como dos artigos. Segundo a lógica dos estudantes, as palavras que terminam na vogal A pertencem ao género feminino, e as palavras que terminam na vogal O pertencem ao género masculino. Contudo, nem sempre esta associação é totalmente linear, uma vez que existem palavras com terminação em O que podem ser femininas, e palavras com a terminação em A que podem ser masculinas.

Continuamente, seguimos o trabalho com a ilustração e exposição de algum vocabulário (Ex: dias da semana, meses do ano, números cardinais e ordinais, cores, horas, etc.) e também com a apresentação dos pronomes possessivos, que são bastante importantes nesta fase. Este processo permite que os alunos iniciem a aquisição de novas palavras e comecem a tentar expandir a sua comunicação, tanto na forma escrita como falada. Contudo, ambos os discursos são diferentes, pois enquanto todas as pessoas (sem problemas comunicativos) conseguem expressar-se oralmente, na escrita têm de ser ensinadas a estruturar o seu pensamento, como diz a seguinte afirmação de White: “is not a natural activity. All physically and mentally normal people learn to speak a language. Yet all people have to be taught how to write.”⁴

⁴ White, R. & Arndt, V. (1996). Process Writing. London e New York: Longman. Pág. 259.

A pouco e pouco, o leque gramatical e lexical desta forma de expressão vai sendo construído, mas poucos são os alunos que ganham confiança imediata para escreverem o que sabem. Nesta fase, as estruturas frásicas são ainda muito básicas, começando na maioria dos casos pelo pronome pessoal/sujeito + verbo + nome/advérbio/Modo Infinitivo Impessoal (Ex: “Eu estudo português” / “Eu gosto muito de estudar”).

À medida que as aulas vão evoluindo, mais conteúdos vão sendo lecionados, como a utilização correta das preposições, os pronomes demonstrativos, os verbos no Pretérito Perfeito Simples e no Pretérito Imperfeito do Indicativo, vocabulário de várias áreas temáticas (Ex: família, estados de tempo e vestuário associado ao mesmo, alimentação, tipos de lojas, etc.), entre outros conteúdos. Durante a observação que fiz às respostas escritas dos alunos, concluí também que estabelecer a diferença entre o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Imperfeito do Indicativo é algo difícil e não espontâneo e que ao estudarem vocabulário de várias temáticas cometem erros na utilização devida da palavra “avô” e “avó”. Isto porque os vocábulos são iguais e o que muda é o acento circunflexo e agudo. Mesmo na produção oral, foi-me pedido várias vezes para fazer pronunciar estas palavras, para que os estudantes conseguissem distingui-las oralmente.

Como podemos observar no anexo 1, a aluna tenta progressivamente, já com os conhecimentos que tem, fazer construções frásicas até construir um texto.

Contudo, é também possível verificar que são cometidos vários erros de ordem gramatical, o que é normal dado o nível onde se encontra (A2.1), e também pela influência da sua língua materna, nomeadamente o indonésio. Muito embora já tente utilizar a pontuação gráfica e apresente vocabulário minimamente variado, troca a posição correta das palavras (Ex: “Obrigada muito”), bem como dos pronomes clíticos (Ex: “... por convidar me”), adiciona género a uma palavra que não tem (Ex: “Feliza”), e ainda não utiliza as preposições corretamente.

Relativamente aos pronomes clíticos, à conjugação pronominal reflexa e às preposições, estas são também temáticas e os alunos cometem erros escritos com alguma frequência. Devem ter em conta a existência das palavras adequadas no que toca aos dois primeiros tópicos (uma vez que costumam colocar o pronome depois do

verbo na presença das mesmas) e erram na contração das preposições com os artigos frequentemente.

A língua nativa de cada aluno assume um papel predominante na aprendizagem de uma nova língua. Isto porque pode facilitar ou interferir na aquisição linguística, principalmente na forma escrita. Os alunos de línguas asiáticas e árabes, por exemplo, apresentam um alfabeto e produções fonéticas diferentes. Isto significa que tem de haver uma maior dedicação e estudo como também um alargamento no tempo, bem como uma prática prolongada e intensiva, para que todas as estruturas, tanto escritas como orais, possam ser adquiridas.

Contudo, para outros alunos pode ser mais fácil, se as suas línguas forem de origem latina (o italiano ou o espanhol, por exemplo). Muito embora cometam erros, como na utilização das preposições ou dos artigos, torna-se bastante fácil compreender o que querem transmitir. Apresentam também facilidade na leitura e compreensão escrita, o que ajuda na realização das atividades que são propostas. Por outro lado, a sua língua materna pode dificultar a aprendizagem, precisamente pela sua semelhança com o Português.

De acordo com o anexo 2, a aluna de origem italiana constrói frases de maneira simples e coesa por força das suas influências linguísticas, muito embora pertença ainda a um nível inicial. Contudo, é notória a presença de vocábulos italianos como “libre”, a ausência de artigos definidos antes das palavras, ou até a falta de concordância no número da pessoa. Através deste exemplo, podemos verificar que, dada a semelhança das duas, é fácil que a língua mãe “contamine” a aprendizagem da nova língua com vocábulos e estruturas que a aluna já domina.

Avançando para os tempos compostos, o Pretérito Mais-Que-Perfeito e o Pretérito Perfeito Composto do Indicativo são tempos bastante específicos que os alunos apresentam alguma dificuldade em utilizar. Na verdade, demonstram uma certa dificuldade em compreender a sua utilização, especialmente no que toca à escrita. Por isso, selecionei exercícios que se focavam apenas na conjugação dos mesmos, onde um dos meus alunos do extensivo não apresentou dúvidas, como é possível verificar no anexo 3. Nesta fase, as estruturas frásicas tornam-se cada vez mais complexas, pois os alunos começam cada vez mais a expressar-se, tanto na escrita como na oralidade.

Quando passámos ao ensino do gerúndio, pude assistir à notória facilidade que os alunos tinham em conjugar os verbos neste tempo, pois as terminações são iguais e não há alternâncias escritas. Já no ensino do Imperativo, a situação processou-se de forma diferente. Isto porque as formas irregulares do Imperativo são iguais às conjugações verbais no Conjuntivo, o que levou os alunos a habituarem-se a uma nova forma escrita. Ainda assim, como podemos observar no Anexo 4, um dos alunos do extensivo não apresentou muitos erros na realização do trabalho de casa, apenas na alínea 6 do tópico C, onde em vez de escrever “Siga”, escreveu “Segua”.

Para concluir o ensino do nível A2.2, resta-nos o Futuro Imperfeito do Indicativo, e o Infinitivo Pessoal. Começando com o Futuro Imperfeito do Indicativo, esta construção verbal apresenta diversas formas de utilização que envolvem outros verbos, onde as mais comuns são o uso do Presente do Indicativo + Advérbio de tempo (Ex: “Amanhã faço os trabalhos de casa”) ou o uso do verbo Ir + Infinitivo (Ex: “Vais caminhar na praia com a Joana?”).

Já a construção verbal do Futuro Imperfeito está relacionada com o uso formal, tanto da linguagem escrita como oral, e pode ser usada, por exemplo, nos discursos formais, noticiários televisivos, jornais, etc. (Ex: “O Presidente visitará amanhã o parlamento.”). Durante a observação das respostas escritas dos alunos, pude constatar um uso muito mais frequente do Presente do Indicativo + Advérbio de Tempo e também do verbo Ir + Infinitivo. Como são estruturas que envolvem a utilização de um tempo verbal conhecido e dominado, para eles é mais fácil expressarem-se em termos de escrita.

Por último, o Infinitivo Pessoal geralmente é um desafio para os estudantes. Isto porque em muitas línguas é uma estrutura verbal não utilizada ou até inexistente, e por este motivo muitos enfrentam dificuldades na sua aprendizagem. Considerado a passagem fundamental para o Presente do Conjuntivo, pude observar casos onde os alunos apenas introduzem na escrita este tempo verbal quando aprendem as regras do Conjuntivo. O motivo reside no facto de o Infinitivo Pessoal ser uma espécie de substituto para o Presente do Conjuntivo, e vice-versa. Desta forma, alguns dos estudantes que observei apenas dominam o Infinitivo na escrita quando iniciam a aprendizagem do Conjuntivo.

III – Metodologia: A escolha dos materiais didáticos

Os materiais didáticos são uma ferramenta muito importante no que diz respeito ao ensino e, mais concretamente, ao ensino do português como língua estrangeira. São uma forma de apoio, conhecimento e estudo, que serve de complemento nas aulas, mas também na aprendizagem independente. Sendo a escrita a minha área de estudo, usei manuais como fonte de prática e observação para analisar a forma como os alunos escreviam.

Tive também oportunidade de observar que os estudantes prezavam imenso a utilização de materiais diversos, pois para além das minhas explicações (tanto orais, como escritas no quadro), era necessário terem um suporte em papel, que pudessem levar para casa, e refletir sobre o mesmo. Muitas foram as ocasiões em que os estudantes colocavam questões durante as sessões, originadas pelo estudo que faziam com base nos materiais que eu fornecia.

Desta forma, sempre achei necessário que em todas aulas os alunos realizassem exercícios de diferentes manuais, com o objetivo de mostrar a variedade de explicações que podiam existir, caso não compreendessem uma. Esta atividade também permitiu que eu pudesse compreender e observar quais as principais dificuldades de cada um, relativamente ao desenvolvimento da escrita.

Sendo assim, durante a realização do meu estágio, uma das etapas fundamentais na minha preparação enquanto profissional foi a análise e a escolha dos manuais que mais se adequavam às necessidades de ensino dos alunos. Na Português Et Cetera, a variedade de materiais era muita, e por isso tinha várias opções em vista.

Para facilitar a gestão do trabalho, existem dois tipos de manuais (pelos quais me guiei), que são livros de método e materiais complementares. Os livros de método visam desenvolver competências específicas, de acordo com as características do nosso público-alvo. Já os materiais complementares consistem na prática de exercícios ou atividades que complementam o estudo dos alunos.

Começando pela *Gramática Activa*, de Isabel Coimbra e Olga Mata Coimbra, este livro é dado aos alunos que iniciam o seu estudo na escola. É composto por dois volumes, que

correspondem ao nível elementar (A1.1 até ao A2.2), e ao nível intermédio ou avançado (B1.1 até ao B2.2). Ambos os materiais constituem uma importante fonte de estudo autónomo para os estudantes, dado que podem realizar exercícios de acordo com as temáticas desenvolvidas em aula sendo, por isso, um material complementar.

Como o meu público-alvo eram os alunos iniciantes, escolhi materiais com exercícios básicos e simples, mas também com ilustrações, para facilitar a aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, o livro *Passaporte para Português*, de Robert Kuzka e José Pascoal foi muito importante, pois tinha exercícios que oscilavam entre a exposição de imagens e a correspondência de frases, bem como exercícios gramaticais e exercícios de audição.

Não só utilizei o manual mencionado acima, como também a *Gramática Aplicada – Português para Estrangeiros*, de Carla Oliveira e Luísa Coelho, correspondentes aos níveis A1/A2/B1. Ao ter a perceção de que os alunos necessitavam de um reforço em termos gramaticais, este era o livro ao qual eu recorria, para que se pudessem focar mais nessa área.

Quando queria explorar um texto, praticar a leitura e a aquisição de vocabulário, segundo o tempo verbal que ia lecionar em aula (por exemplo: Pretérito Imperfeito do Indicativo), optava pelo manual *Aprender Português*, de Carla Oliveira e Luísa Coelho, pois tinha exercícios que não se focavam tanto na aprendizagem gramatical, mas sim na leitura de outro tipo de temas, como cartas, emails ou histórias. Assim, os estudantes tinham oportunidade de explorar diversos tipos de materiais, e praticar outros exercícios em aula.

Por último, mas não menos relevante, de forma a estimular a parte auditiva dos alunos, seleccionei o livro *Aprender Português – Compreensão Oral 1*, de Carla Oliveira e Luísa Coelho, correspondentes aos níveis A1/A2, para com eles fazer exercícios de compreensão oral. Está dividido em capítulos, e guiei-me pelas unidades para seleccionar as atividades mais oportunas, de acordo com o tema falado em aula. Desta forma, os alunos tinham a oportunidade de ouvir diferentes pessoas a falar e responder a exercícios consoante a compreensão do que escutavam.

IV – Resultados e discussão

Após terminar a minha experiência como estagiária, refleti sobre o trabalho que desenvolvi com os meus alunos.

Começando pelo extensivo da noite, sinto que por ter sido a minha primeira turma, toda a matéria lecionada pela primeira vez foi com eles. Como estava ainda a adaptar-me a este tipo de ensino, e como o grupo era um pouco desigual, tentei variar os materiais didáticos que utilizei, mas penso que ainda assim deveriam ter mais documentos diferentes de suporte para estudarem. Especialmente no que toca à leitura de textos e à fonética, todos os alunos deveriam ter tido um reforço nesse aspeto, especialmente o estudante do Japão e o estudante do Dubai.

Em contrapartida, observei uma evolução ainda assim positiva, pois a maioria dos alunos conseguiu acompanhar toda a matéria lecionada, muito embora alguns (por motivos académicos ou profissionais), tenham feito uma pausa no curso. Sendo que a turma estava em trabalho contínuo, e entravam sempre alunos, fui aperfeiçoando as atividades que desenvolvi com eles, e à medida que o grupo ia ficando mais avançado, a conversação tornou-se numa prática cada vez mais recorrente, em que os estudantes tentavam já expressar as suas opiniões, e se erravam aceitavam de forma normal e respeitosa as minhas correções e observações.

Relativamente ao extensivo da manhã, este grupo encontrava-se um pouco mais atrasado que o grupo da noite, o que me levava a ter uma abordagem diferente com eles, pelo facto de o nível ser ligeiramente diferente, e também porque já sabia de antemão qual a melhor forma para lecionar os conteúdos. A esses, pude dar outro tipo de materiais de apoio e pude também arranjar outras formas de expor os conteúdos a lecionar. Não só dei relevância à aprendizagem das estruturas gramaticais, como consegui trabalhar com eles textos adequados ao respetivo nível, onde os próprios tinham de responder às questões de interpretação, consoante o que lhes era pedido.

Inicialmente, o grupo era bastante pequeno, o que proporcionava (da minha parte), uma capacidade maior de acompanhá-los quase individualmente. Notei esse efeito com a jovem aluna da Indonésia, por exemplo, que muitas vezes esclareceu as suas dúvidas

comigo em particular, pois não se sentia confortável em expô-las perante o grupo. À semelhança da turma da noite, também a turma da manhã estava permanentemente a evoluir e a receber novos alunos, o que causou uma maior abertura em termos de conversação e aprendizagem. Se os novos estudantes eram mais avançados e desenvolvidos em termos linguísticos, isso levava a que os alunos tentassem utilizar mais frequentemente a língua portuguesa para comunicar.

Em suma, penso que com a turma da manhã foi mais fácil cooperar, uma vez que já tinha as ferramentas devidamente escolhidas para trabalhar com eles, em face da experiência que tive com o grupo da noite. O que eu notei em simultâneo, relativamente a uma turma e à outra, foi a dificuldade em que entendessem a língua portuguesa sem o auxílio da língua inglesa nas explicações.

Uma das diretrizes que a Português Et Cetera tem é a rejeição completa do inglês, para que a imersão linguística seja maior. Assim, muitos dos alunos achavam muito difícil a aprendizagem da nova língua. O meu procedimento para contrariar este efeito foi a escrita no quadro como forma de explicação e suporte, para que todos os alunos conseguissem observar e compreender o que eu estava a dizer, e para que fosse mais fácil para eles fazerem a associação do som e da respetiva grafia.

Como já referi anteriormente, depois de iniciar a minha experiência nos grupos extensivos, a direção da escola atribuiu-me um aluno privado oriundo dos Estados Unidos, com ascendência indiana.

O aluno escolheu como carga horária dez horas privadas, divididas em três sessões, fazendo com que eu tivesse de condensar muitos conteúdos nas aulas que tínhamos. Ainda assim, retirei uma experiência bastante positiva das nossas lições, e foi um aluno muito fácil de se ensinar. Contudo, sinto que poderia ter sido mais exigente com ele, pois fizemos exercícios bastante básicos, como a conjugação dos verbos iniciais do Indicativo, ou a identificação de vocabulário básico para que o aluno pudesse estruturar passo a passo a sua gramática mental. Muito embora o aluno tenha aceite e respondido a tudo de bom grado, só nas nossas horas finais adquiri a noção de que podíamos ter estudado estruturas mais avançadas do Indicativo e não estudar de uma forma tão pormenorizada o vocabulário variado.

Isto porque devido à influência que o estudante tinha por ter estudado espanhol, possuía já alguns conhecimentos de como pronunciar e responder em português, sendo mais fácil o processo de aprendizagem. Assim, concluo que poderia ter aprofundado a complexidade do trabalho a realizar com ele, e atribuir-lhe um nível de proficiência mais elevado.

Depois da experiência com o aluno privado, foi-me atribuído um curso intensivo onde, como referi anteriormente, as origens dos alunos eram muito variadas. Esta foi, talvez, a experiência mais difícil que tive enquanto professora, pois os estudantes deste grupo apresentavam antecedentes linguísticos completamente diferentes uns dos outros.

Para além desta característica, não revelavam uma interação facilitadora da comunicação (característica talvez inerente às suas culturas de origem), e queixavam-se com muita frequência dos conteúdos lecionados. Sendo iniciantes na língua portuguesa, comecei por escolher exercícios básicos, que os levavam a aprender as diferentes formas de apresentação, as primeiras estruturas do Indicativo, e também a identificação do vocabulário, para que comesçassem aos poucos e poucos a construir a gramática mental de que precisavam e a suprir as necessidades que pudessem ter, enquanto indivíduos num novo país. Com esse intuito, só mais tarde me apercebi de que selecionei demasiados exercícios escritos, que os alunos não souberam reter e utilizar, também pela falta de vontade que tinham em expressar-se.

O inglês voltou a ser novamente um problema, pois grande parte deles não compreendia os conteúdos lecionados, a não ser que os explicasse nessa língua. Recorria à escrita no quadro como forma de ajuda, para que eles pudessem ver e repetir os vocábulos, mas ainda assim teimavam em não expressar o que sabiam e, para além disso, exigiam que eu fizesse exercícios de leitura e de oralidade, uma vez que este era um aspeto ao qual davam muito valor.

Para colmatar esta situação, aproveitava os workshops de comunicação, para com eles poder treinar a componente oral, algo de que eles gostavam, mas com algumas inibições. Ainda assim, posso afirmar que os estudantes participavam com relativa facilidade nas atividades que lhes propunha durante o workshop, e tornavam-se mais desinibidos para expressarem o que já sabiam. Para além dos exercícios orais, com eles fiz também exercícios escritos, como a produção de uma história com os verbos que já

sabiam e com os sítios de Lisboa que já conheciam, e isso proporcionou um momento bastante divertido entre todos.

Resumindo, penso que com este grupo podia ter tido uma abordagem diferente, pois dei demasiada ênfase à produção escrita e não tanto à produção oral.

Por último, antes de terminar a minha fase como estagiária, recebi uma aluna para aulas privadas, de origem italiana. Esta estudante tinha exigências muito próprias, que a escola e eu fizemos questão de respeitar, muito embora a sua forma de ensino correspondesse às diretrizes da Português et Cetera. Como a aluna estava a viver e a trabalhar em Portugal, já tinha alguma influência da língua portuguesa, sendo que a sua língua materna facilitava também a compreensão da mesma.

Ao iniciarmos as nossas sessões, foi talvez a aluna com a qual me senti mais à vontade, pois com ela pude de imediato falar português, sem a intromissão do inglês. Estávamos permanentemente a conversar, havendo o jogo entre perguntas e respostas, e a partir daí percebi que muito embora a aluna fosse capaz de conjugar verbos em português, precisava de um estudo que abrangesse todas as formas verbais, tanto do Indicativo como do Conjuntivo (muito embora não tenhamos chegado a essa parte).

Apercebi-me também de que ela já possuía igualmente algumas noções de vocabulário, pelo que não precisei de insistir muito nessa parte. Todas as palavras que a estudante não conhecia eram estudadas durante as nossas aulas e escritas no quadro, para que pudesse compreender a grafia e a forma como se escreve, fazendo assim a associação com a sua língua materna. Em termos de desempenho, era bastante autónoma e só corrigíamos os trabalhos de casa oralmente ou quando ela apresentava alguma questão.

Mesmo assim, pude concluir, ao observar as suas respostas, que respondia de forma correta ao que lhe era pedido e que por isso valorizava mais a comunicação e não tanto a escrita.

Em suma, ao fim de quase três meses a estagiar, e depois de uma apreciação feita a todos os alunos que passaram por mim, concluo que não mudaria nada na minha abordagem para com esta aluna, pois todo o trabalho que desenvolvi com ela surgiu de uma forma bastante natural, e muito embora não tenha sido perfeito percebi que em

todas as aulas a aluna mostrava uma grande satisfação e estava permanentemente com vontade de aprender.

Conclusão

Após fazer uma avaliação sobre o trabalho que desempenhei ao longo do estágio, assim como a problemática por mim escolhida – A aprendizagem da escrita – reconheço que existe alguma desvalorização da melhoria desta competência, pois o principal foco dos alunos estrangeiros é aprender a comunicar oralmente.

Contudo, este facto não causou qualquer desvio do meu objetivo principal, que é a análise da produção escrita, e com eles trabalhei bastante os exercícios escritos, principalmente dos níveis compreendidos entre A1.1 e A2.2. Para isso, pude contar com vários materiais didáticos como forma de auxílio, pois não só fornecem explicações claras aos alunos sobre matérias diversas, como também são uma fonte de ajuda para o conhecimento em construção dos professores. Posso também afirmar que para fomentar a produção escrita existem muitos manuais com muito potencial, e nesse aspeto tive muita variedade e liberdade de escolha, o que facilitou o meu trabalho.

Para finalizar, considero que deve haver uma maior exigência em relação ao aperfeiçoamento da expressão escrita, pois foram várias as vezes em que notei que existia uma discrepância entre capacidade oral e capacidade escrita dos alunos. Se por um lado conseguiam comunicar bastante bem oralmente, por outro cometiam erros variados quando tentavam produzir um discurso escrito. Esta mudança passa também pela atitude dos professores, pois devem ser os impulsionadores e os motivadores que levam os estudantes a aperfeiçoar esta competência.

Nesse sentido, considero também pertinente que a produção de materiais didáticos vivos, ou seja, criados pelo docente para colmatar as dificuldades escritas dos alunos, sejam uma atividade a desenvolver, de forma a tentar superar este problema.

BIBLIOGRAFIA(S) /REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Camps, A. (2005). Pontos de vista sobre o ensino – aprendizagem da expressão escrita. Barcelona: Universitat Autònoma Barcelona.

Cassany, D. (1990). Enfoques didácticos para la enseñanza de la expresión escrita, in *Comunicación, lenguaje y educación*, 6, p 63-80, Madrid, https://repositori.upf.edu/bitstream/handle/10230/21225/Cassany_CLE_6.pdf?sequence=1 (em 02/01/2014).

Coimbra, I. & Coimbra, O. M. (2011). *Gramática Activa*. Editora Lidel.

Colello, S. M. G (2007). A construção do conhecimento no Ensino da língua: da teoria à prática. *Revista Internacional d'Humanitats*, 13, 25-30.

Cunha, C., & Cintra, L. (1999). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

GRABE, W. & KAPLAN, R. B. (1996). *Theory and Practice of Writing*. London e New York: Longman.

Jimeno, P. (2004) *La Enseñanza de la Expresión Escrita em todas las areas – Blitz serieroja*, nº1, Gobierno de Navarra, Departamento de Educación.

KRASHEN, S. (1982). *Child-Adult Differences in Second Language Acquisition*. Rowley: Newbury House Publishers.

Kuzka, R. & Pascoal, J. (2014). Passaporte para Português 1 – Livro do aluno (A1-A2). Editora Lidel.

Oliveira, C. & Coelho, L. (2013). Aprender Português (A1-A2). Texto Editores, Lda.

Oliveira, C. & Coelho, L. (2008) Aprender Português – Compreensão Oral 1 (A1-A2). Texto Editores, Lda.

Oliveira, C. & Coelho, L. (2019). Gramática Aplicada – Português para Estrangeiros (A1-A2). Editora Leya.

QECR. (2001). Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação. Portugal.

REBELO, D. (1990). Estudo Psicolinguístico da Aprendizagem da Leitura e da Escrita. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

WHITE, R. & ARNDT, V. (1996). Process Writing. London e New York: Longman.

ANEXOS

Anexo 1 – Texto de aluna – Trabalho Individual

Estou bem, obrigada! É tu? Obrigada muito por convidar me para juntar voçes durante as suas férias. Eu quero passar uns dias convosco, eu estou muito feliz. Eu estou ^{comprar} ~~reservar~~ o meu bilhete e vou chegar na segunda proximo às 9h00 de manhã e eu vou ficar até no fim de semana, então eu vou sair no domingo à noite. Eu quero ir na praia. Eu vou nadar no lago e vou fazer de yoga na natureza. ~~Esta~~ Esta ha os bons restaurantes lá? Eu quero a comer os ~~bons~~ comidas e relaxar com um bom livro. A breve a minha amiga!

Anexo 2 – Respostas de aluna – Trabalho Individual

2. Comente os seguintes pontos.

a) Quando somos estudantes não temos responsabilidades.

Sim, Temos muito tempo livre e não há problemas

b) As pessoas divertem-se mais quando são estudantes.

Sim, porque ainda nosos olhos vivem de nós

c) O trabalho absorve a parte mais importante da nossa vida.

Sim, nos pensamos sempre ganhar

d) É frequente desejarmos aquilo que não temos.

Temos que saber apreciar aquilo que se tem

Anexo 3 – Respostas do aluno – Trabalho Individual

Faça frases com os verbos no **pretérito perfeito composto**.

1. (ela / faltar às aulas)
Ela tem faltado às aulas.
2. (eu / não / falar com eles / ultimamente)
Eu não tenho falado com eles ultimamente.
3. (eles / ir à praia / todos os dias)
Eles têm ido à praia todos os dias.
4. (ele / não / vir trabalhar)
Ele não tem vindo trabalhar.
5. (a tua equipa / ganhar / muitos jogos?)
A tua equipa tem ganhado muitos jogos?
6. (nós / perder / quase todos os jogos)
Nós temos perdido quase todos os jogos.
7. (o tempo / estar ótimo)
O tempo tem estado ótimo.
8. (ultimamente / abrir / muitos restaurantes japoneses)
Ultimamente têm aberto muitos restaurantes japoneses.
9. (nestes últimos anos / eu / não ter férias)
Nestes últimos anos, eu não tenho tido férias.
10. (ele / escrever / vários artigos sobre educação)
Ele tem escrito vários artigos sobre educação.

Anexo 4 – Respostas do aluno – Trabalho Individual

15. Complete com o Imperativo

A

1. Não faças (tu/fazer) barulho.
2. Ana, põe (tu/pôr) a mesa.
3. Meninos vão (ir) já para casa.
4. Então? estejam (vocês/estar) calados.
5. João, volta (tu/vir) cá imediatamente.
6. Sr. José feche (fechar) a porta.
7. Pede (tu/pedir) o livro à Ana.
8. Ouçam (vocês/ouvir) o que ela diz.
9. Dona Maria, vista (vestir) o casaco. Está frio lá fora.

B

Em caso de assalto, a polícia aconselha:

- tu? você?
1. Pense (pensar) com frieza e reage (reagir) com naturalidade.
 2. Não dê (dar) conversa ao assaltante.
 3. Observe (observar) o assaltante para o poder descrever.
 4. Ataque (atacar) os pontos fracos do agressor.
 5. Golpeie (golpear) onde não existe músculo.
 6. (queixar-se) à polícia. Queixe-se
 7. Em caso de roubo por esticção, grite (gritar).

C

Se está gordo, então tem aqui alguns conselhos.

1. Não coma (comer) tantos doces, nem abuse (abusar) da gordura.
2. Não beba (beber) tantos refrigerantes.
3. Faça (fazer) exercício físico frequentemente.
4. Ponha (pôr) o carro na garagem um dia por semana.
5. Vá (ir) a pé para o emprego de vez em quando.
6. Siga (seguir) os nossos conselhos e sinta-se (sentir-se) bem com a vida!